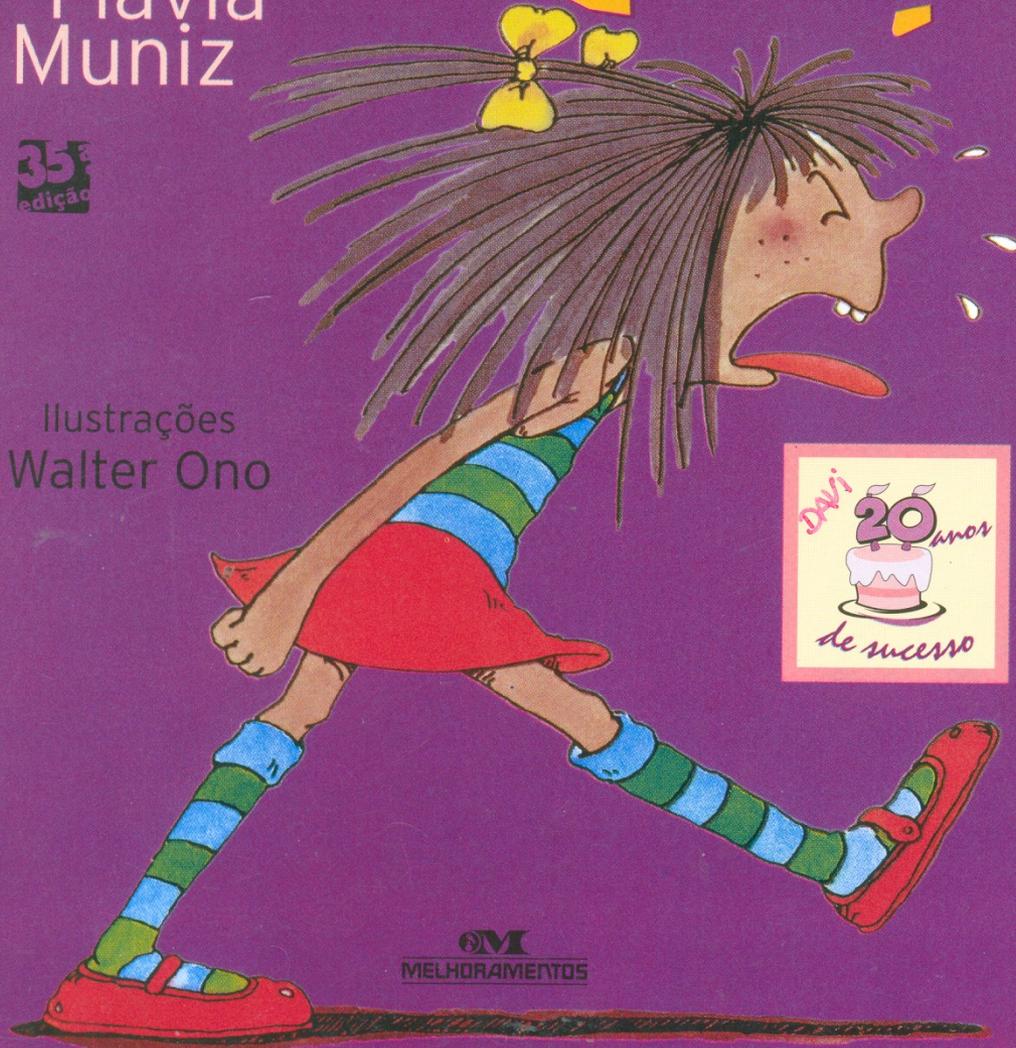


RITA, NÃO GRITA!

Flávia
Muniz

35ª
edição

Ilustrações
Walter Ono



OM
MELHORAMENTOS

RITA, NÃO GRITA!

Flávia
Muniz

Ilustrações
Walter Ono

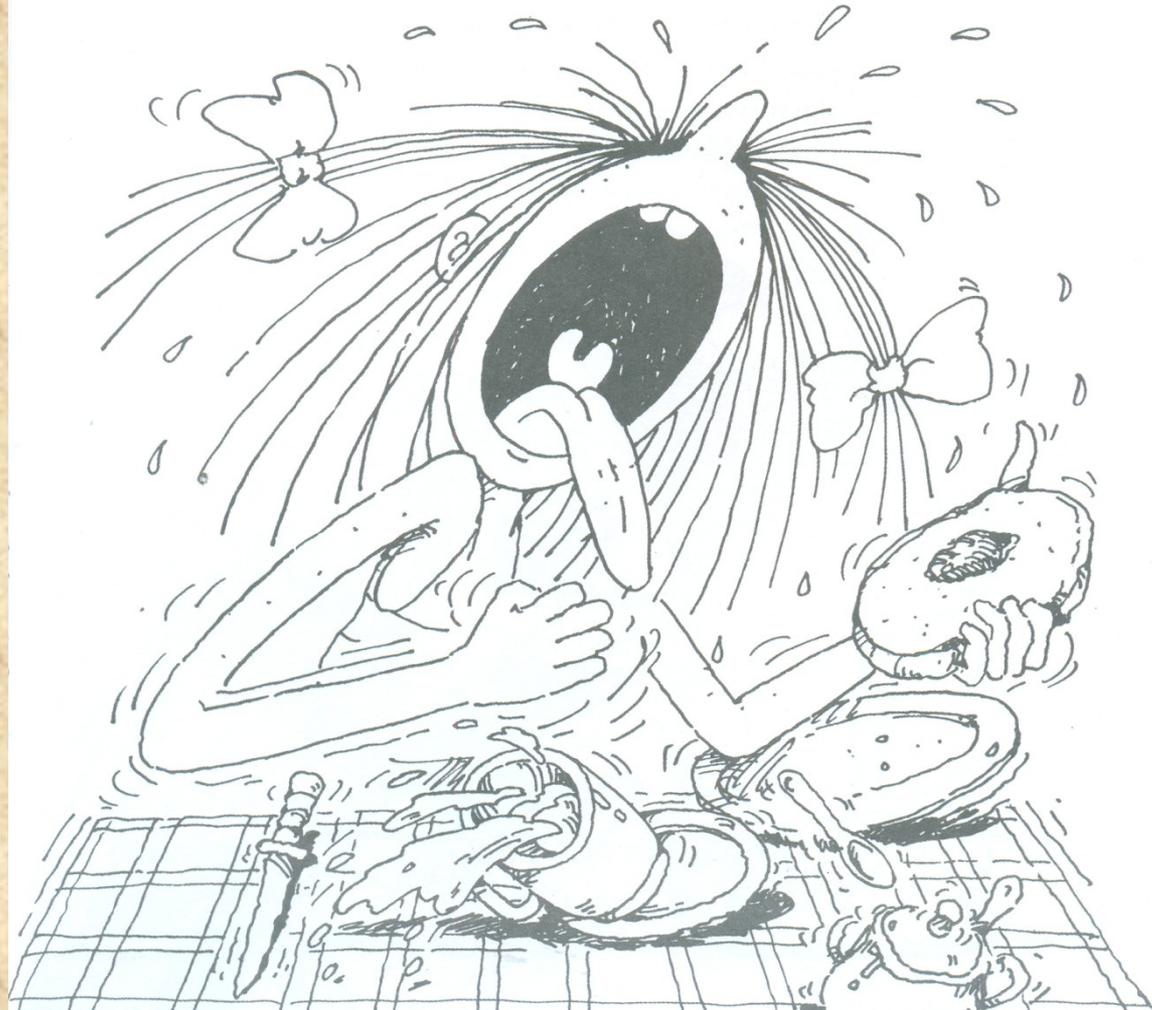



MELHORAMENTOS

Esta é a história de uma menina.
Vou contar como ela era.
Seu nome é Rita magrela.
Além de ser gritadeira,
Rita é muito tagarela.
A tal Rita magricela
tem o nariz arrebitado,
sardas por todo o lado
e o cabelo espetado
amarrado com fita amarela.



Esta Rita magricela,
a tal da cara magrela,
tem uma mania esquisita: vive fazendo birra!
A confusão logo começa já no café com pão:
se Rita quer mais geléia e a mãe lhe diz que não,
pronto!... Já abre aquele bocão.



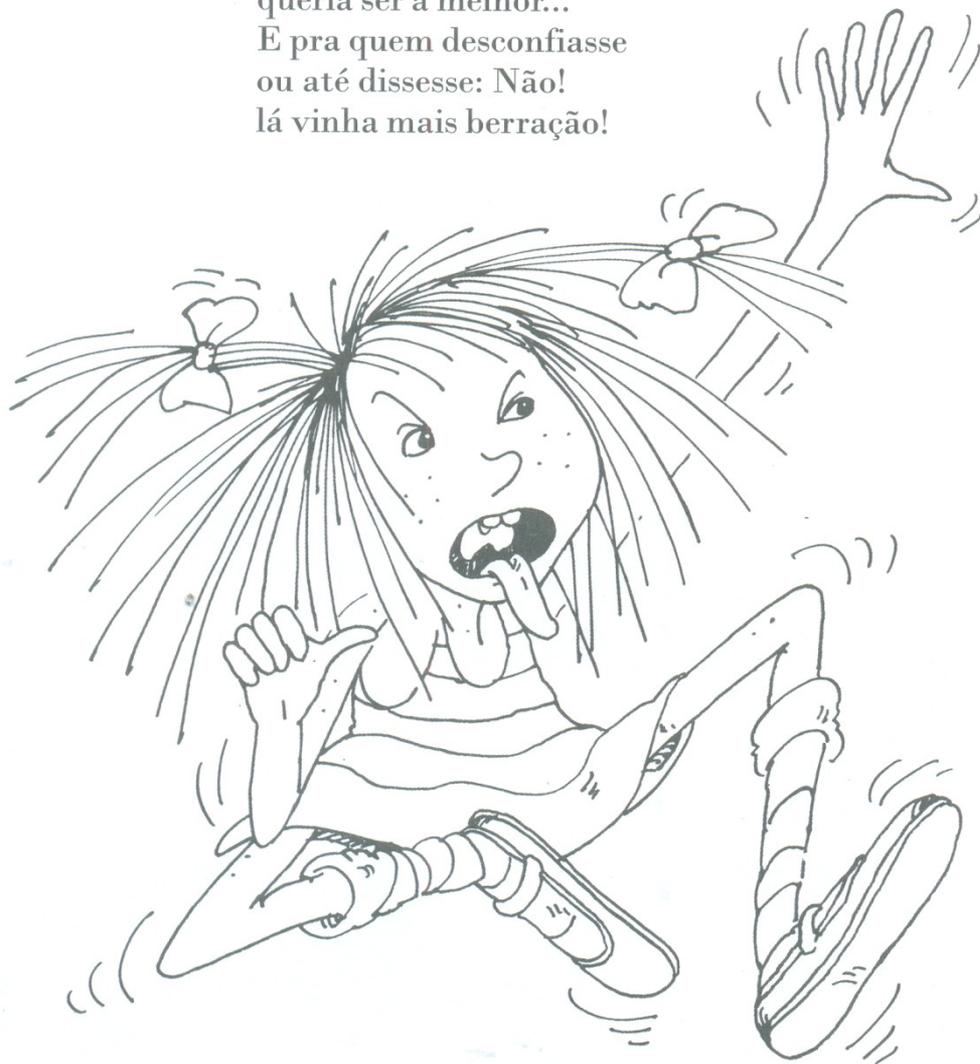
Depois de feita a merenda,
a chateação continua,
pois Rita escolhe a roupa
que usa ao brincar na rua:
– O short amarelo está rasgado,
o vermelho, amarrotado,
no tênis falta um cordão!
É tanta reclamação
que até a mãe fica tonta,
com a Rita fazendo fita,
que bate com os pés no chão,
de novo abrindo o bocão,
com aquela choração.



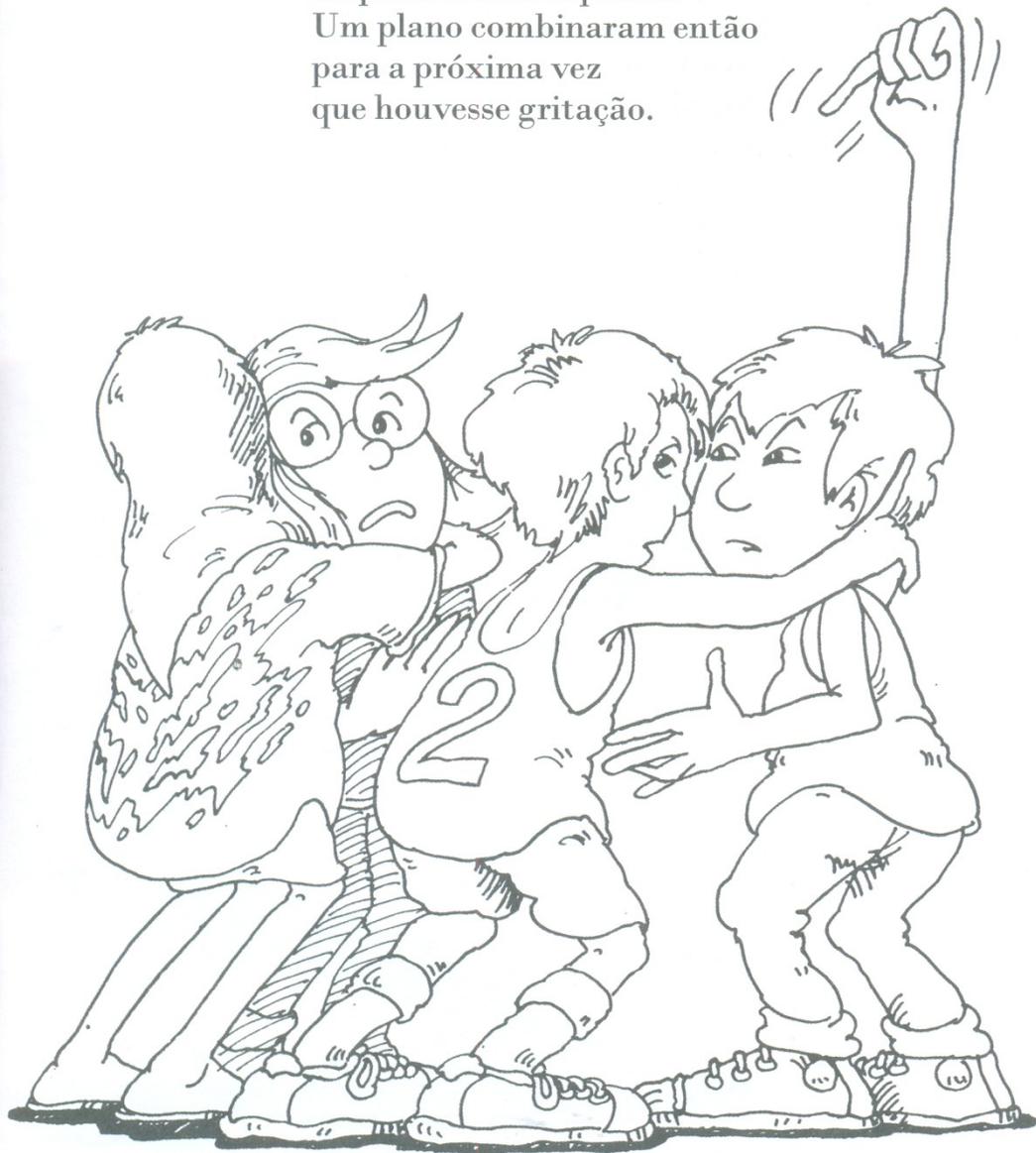
Sua mãe vive pedindo:
– Rita, não grita!
Mas a Rita nem dá bola
e sai danada da vida;
e novamente na escola
continua a fazer birra.
Bastou esquecer a borracha
ou a ponta do lápis quebrar,
Rita já perde a paciência
e recomeça a gritar.
Os colegas avisam, dizendo:
– Rita, não grita!
Mas a magrela nem dá bola
para os colegas da escola.



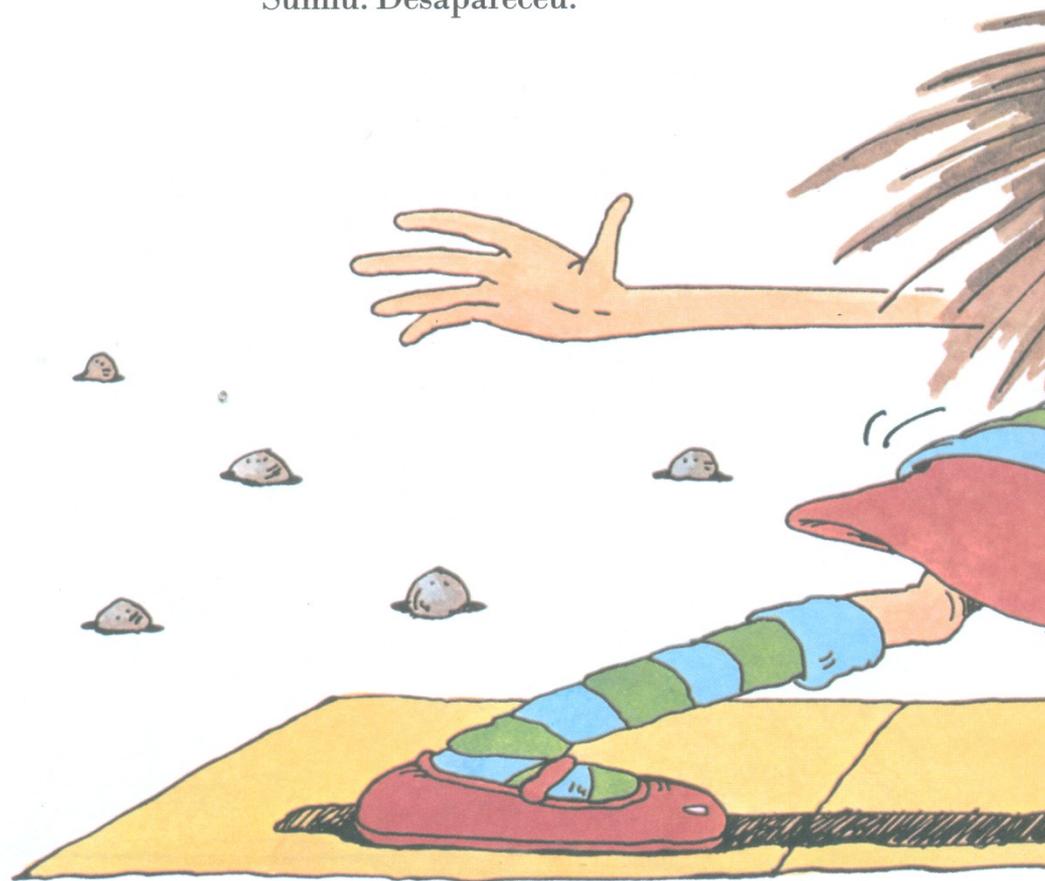
Nas brincadeiras do recreio,
os outros não tinham vez.
Não podiam bater-cara
e nem contar até três!
Rita queria tudo primeiro,
queria ser a melhor...
É pra quem desconfiasse
ou até dissesse: Não!
lá vinha mais berração!



Os amigos já não agüentavam
tanta arruaça da Rita
e resolveram dar um fim
naquela mania esquisita.
Um plano combinaram então
para a próxima vez
que houvesse gritação.



Logo no dia seguinte,
a turma brincava de amarelinha
quando a pedrinha
sem querer, na vez da Rita,
caiu pra fora da linha.
Daí a Rita avermelhou,
arregalou o olhão,
encheu as bochechas de ar
e já ia estourar...
quando a turma se mandou.
Sumiu. Desapareceu.



E a Rita magricela
ficou com o berro abafado,
ficou com o grito engasgado.
Não tinha com quem gritar,
não podia espernear.
Ficou muito chateada,
com aquele berro grosso
entalado no pescoço.



A partir daquele dia,
a magrela foi percebendo o que acontecia.
Na escola, pra brincar de pega,
esconde-esconde, polícia e ladrão,
não convidavam mais a Rita, não.
Nem pra pular corda, pra jogar peteca
ou fazer bolhas de sabão.
Ela podia espernear, berrar, abrir o bocão
que ninguém prestava atenção.
E a Rita sozinha, sem jeito,
com aquela falta de graça enroscada dentro do peito,
foi ficando triste, doente, emburrada,
sem querer conversa, comida e nem nada.



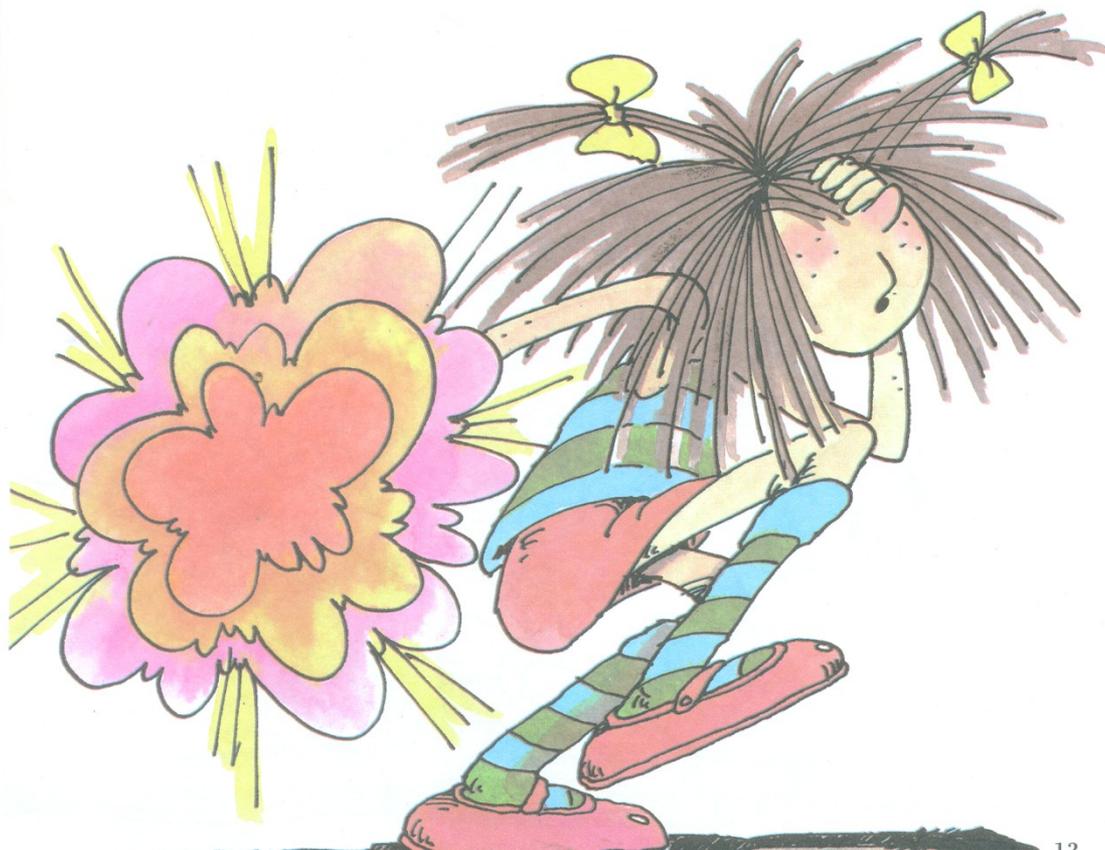
Foi daí que a vovó chegou,
trazendo o lindo presente:
um jogo de caixa e bola.
E a Rita pulou de contente:
– Oba! Agora meus amigos
vão querer brincar comigo!
E então o novo brinquedo
saiu correndo a mostrar.
Logo juntou criança
com vontade de brincar.



A brincadeira da bola maluca
era gozada, era de assustar.
Cada um espetava o palito na caixa
onde estava o balão escondido,
e ele não podia estourar.
Primeiro foi o João
que escapou de raspão!
Depois foi a Beatriz
que escapuliu por um triz!



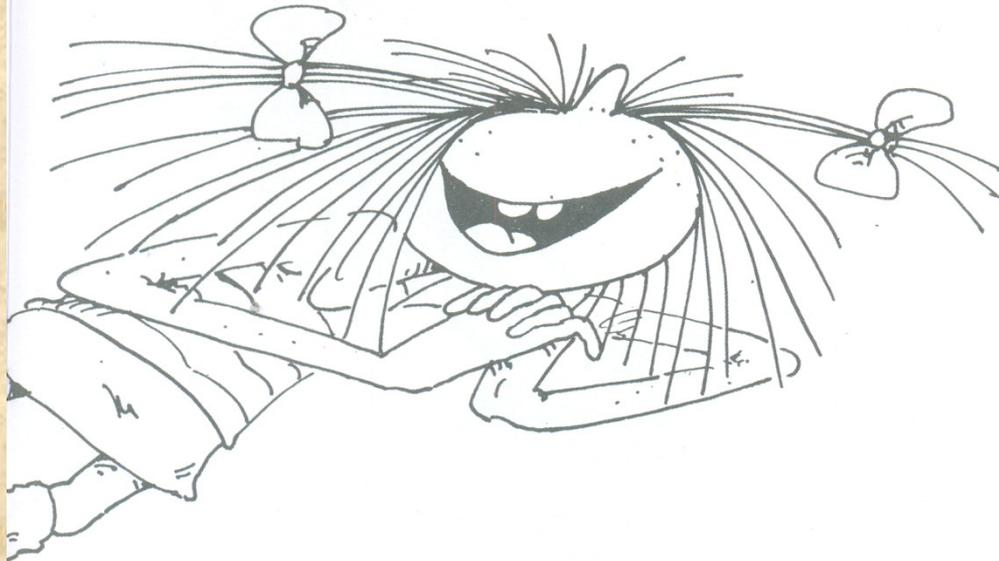
Na vez de Rita – que azar! –
o palito encostou e... B U M!!
fez a bola estourar.
Então, desanimados,
os colegas ficaram esperando
o que já estavam acostumados:
o bocão aberto da Rita,
gritando por todo lado.



Mas daí aconteceu
a surpresa boa, engraçada.
Ao invés de fazer isso,
Rita arreganhou a boca
numa bela gargalhada!
E uma risada emendou na outra,
a brincadeira foi em frente,
com todos se divertindo,
com todos muito contentes.



A Rita magricela pensou num jeito esperto
de não ficar tão zangada com o que não dava certo.
E hoje cada vez que acontece de algo sair errado,
a Ritinha sardenta, do nariz arrebitado,
não faz pirraça, nem fita, nem grita.
Pode até estourar chicletes na cara,
derrubar a sopa na saia,
arranhar os joelhos no chão.
Ela acha engraçado e leva tudo na gozação.
E, para as coisas mais difíceis,
procura a melhor solução.



A tal Rita magrela,
do nariz arrebitado,
que usa fita amarela
no cabelo espetado,
continua tagarela.
Mas deixou pra lá a mania esquisita de gritar à toa.
Descobriu que sabe também resolver as coisas numa boa.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Muniz, Flávia

Rita, não grita! / Flávia Muniz; ilustrações Walter
Ono. – 2. ed. – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.
– (Algodão doce)

ISBN 85-06-04463-4

I. Literatura infanto-juvenil I. Ono, Walter.
II. Título. III. Série

05-8735

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|-------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantil | 028.5 |
| 2. Literatura infanto-juvenil | 028.5 |

Flávia Muniz nasceu em Franca, no interior paulista, e bem cedo mudou-se de fraldas e mamadeiras para capital.

Fez Pedagogia, com especialização em Orientação Educacional, na PUC-SP. Para ela, a criança representa a magia, o bom humor, a aventura e a travessura, tão esquecidas hoje em dia.

Flávia costuma dizer que não há nada mais empolgante do que escrever para crianças.

Ilustrações: Walter Ono
© 1985 Flávia Muniz

Direitos de publicação:
© 1985 Cia. Melhoramentos de São Paulo
© 2000 Editora Melhoramentos Ltda.

2.^a edição, 35.^a impressão, janeiro de 2008

ISBN: 978-85-06-04463-6

Atendimento ao consumidor:
Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970
São Paulo – SP – Brasil

Impresso no Brasil



Série
Algodão Doce

Rita vivia fazendo birra.
Implicava com tudo,
batia o pé por qualquer coisa,
gritava à toa.
Por quase nada
abria um bocão.
Era tão chata,
que ninguém
agüentava mais!
Daí os colegas
resolveram
dar um jeito nela.

Flávia Muniz nasceu em Franca, no interior paulista, e bem cedo mudou-se de fraldas e mamadeiras para a capital.

Fez Pedagogia, com especialização em Orientação Educacional, na PUC-SP.

Para ela, a criança representa a magia, o bom humor, a aventura e a travessura, tão esquecidas hoje em dia.

Flávia costuma dizer que